

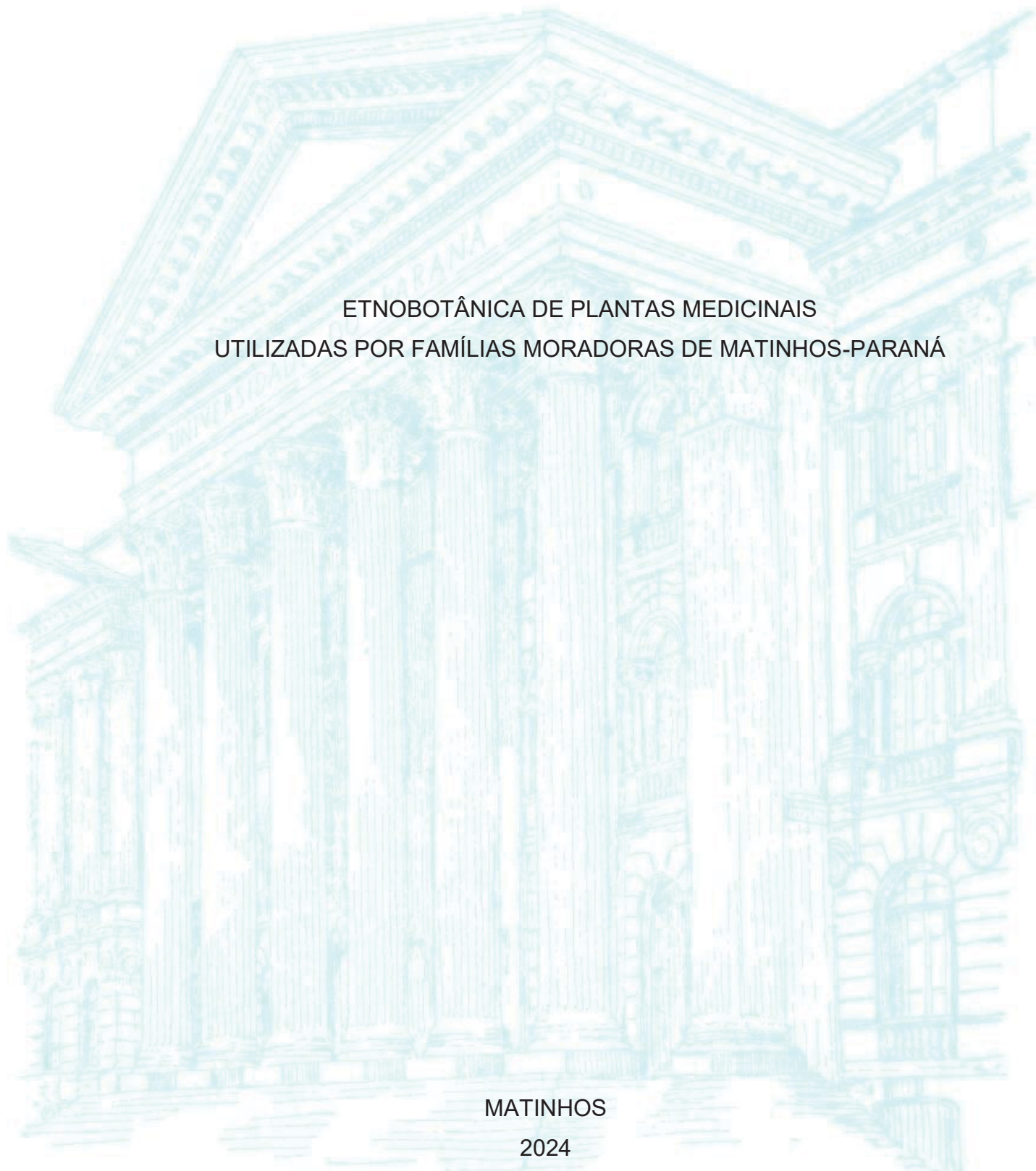
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOELSON FERREIRA GOMES

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS
UTILIZADAS POR FAMÍLIAS MORADORAS DE MATINHOS-PARANÁ

MATINHOS

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

JOELSON FERREIRA GOMES

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR FAMÍLIAS
MORADORAS DE MATINHOS- PARANÁ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Nogueira

MATINHOS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

G633e Gomes, Joelson Ferreira
Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas por famílias moradoras de Matinhos-Paraná / Joelson Ferreira Gomes ; orientador Christiano Nogueira. – 2024.
243 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2023.

1. Etnobotânica. 2. Plantas medicinais. 3. Matinhos - Paraná. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. II. Título.

CDD – 581



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JOELSON FERREIRA GOMES** intitulada: **ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR FAMÍLIAS MORADORAS DE MATINHOS-PARANÁ**, sob orientação do Prof. Dr. CHRISTIANO NOGUEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 05 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

06/09/2024 10:56:18.0

CHRISTIANO NOGUEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

06/09/2024 08:28:00.0

LUIZ EVERSON DA SILVA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

05/09/2024 21:32:11.0

MARGIO CEZAR LOSS KLOCK

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico está pesquisa em homenagem a minha família e a todos os moradores da cidade de Matinhos-PR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter concedido saúde e oportunidade de poder ter cursado o mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Agradeço também a CAPES pelo contemplamento da bolsa no primeiro ano do curso ao qual foi um período que tive que me ausentar do mercado de trabalho para me dedicar a pesquisa. Agradeço também ao **Dr. Christiano Nogueira** que veio me orientando em toda essa caminhada de aprendizado. Agradeço também ao **Dr. Luiz Everson da Silva** pelo apoio com sugestões e ao **Dr. Márgio Cesar Loss Klock** pelas orientações e sugestões, também ao **Dr. Diomar Augusto de Quadros** pelo apoio e sugestões, em fim, a todos os professores do curso, pois cada um passou compartilhando um pouco sobre experiências e ensinamentos ao longo destes dois anos. Agradeço a minha família e amigos que estiveram sempre me apoiando nesse período ao qual foi de muito aprendizado.

*“QUE SEU REMÉDIO SEJA SEU ALIMENTO , E
QUE SEU ALIMENTO SEJA SEU REMÉDIO”
(HIPÓCRATES).*

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo o conhecimento adquirido ou transmitido entre gerações sob a ótica de duas famílias na cidade de Matinhos, localizadas no litoral do Paraná, com o foco na documentação do conhecimento desta população quanto à utilização das plantas encontradas na região para fins medicinais. A cidade de Matinhos iniciou sua colonização em meados do século XIX, quando os indígenas carijós habitavam o litoral do Paraná, por volta de 1820. Cercada por florestas e pela Serra do Mar, possui uma formação econômica, cultural, geográfica e social que permite compreender a forma como ocorrem as relações dos moradores com a natureza neste território. Desta forma, este projeto teve como objetivo desvelar o conhecimento etnobotânico, a proteção e preservação do meio ambiente, e os modos de vida caiçara relacionados a essas duas famílias. Para realizar este trabalho, utilizamos os saberes construídos por essa comunidade, a etnocultura e os modos de adaptação do ser humano a certos ambientes, observando a natureza, os recursos disponíveis e a vegetação utilizada. Nesse sentido, a etnobotânica e suas ferramentas de coleta e análise de dados foram cruciais. O instrumento de coleta de dados foi um formulário semiestruturado, composto por perguntas sobre o conhecimento popular das espécies conhecidas pela população. Para acessar a história e os modos de vida, foram feitas anotações e gravações, com o intuito de registrar um documentário sobre o conhecimento popular e a trajetória de vida. Por fim, destacamos que este estudo visa contribuir para o futuro da Mata Atlântica, por meio de estratégias de manejo e conservação. A pesquisa revelou quatro espécies que se destacaram nos relatos das duas famílias, abordando também a falta de acesso à saúde, o que potencializava a utilização dessas plantas, bem como a forma como o conhecimento se propagava entre os habitantes em relação ao uso das plantas medicinais na região.

Palavras-chave: Saberes; vegetação; etnobotânica; plantas medicinais; cultura; natureza.

ABSTRACT

This research studied the knowledge acquired or transmitted between generations from the perspective of two families in the city of Matinhos, located on the coast of Paraná, with a focus on documenting the knowledge of this population regarding the use of plants found in the region for medicinal purposes. The city of Matinhos began its colonization in the mid-19th century, when the Carijó indigenous people inhabited the coast of Paraná, around 1820. Surrounded by forests and the Serra do Mar, it has an economic, cultural, geographic and social formation that allows us to understand how the residents relate to nature in this territory. Thus, this project aimed to reveal ethnobotanical knowledge, environmental protection and preservation, and the caçara ways of life related to these two families. To carry out this work, we used the knowledge constructed by this community, ethnoculture and the ways in which humans adapt to certain environments, observing nature, the available resources and the vegetation used. In this sense, ethnobotany and its data collection and analysis tools were crucial. The data collection instrument was a semi-structured form, consisting of questions about popular knowledge of the species known to the population. In order to access the history and ways of life, notes and recordings were made, with the aim of recording a documentary about popular knowledge and life trajectories. Finally, we emphasize that this study aims to contribute to the future of the Atlantic Forest, through management and conservation strategies. The research revealed four species that stood out in the reports of the two families, also addressing the lack of access to health care, which enhanced the use of these plants, as well as the way in which knowledge spread among the inhabitants regarding the use of medicinal plants in the region.

Keywords: Knowledge; vegetation; ethnobotany; medicinal plants; culture; nature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE ÁREA MUNICIPIO DE MATINHOS PARANÁ – BRASIL.....	18
FIGURA 2- FOTO DA ESPÉCIE PHYLLANTHUS NIURI.....	42
FIGURA 3- FOTO DA ESPÉCIE ECHINODORUS GRANDIFLORUS.....	44
FIGURA 4- FOTO DA ESPÉCIE SAMBUCUS NIGRA L.....	46
FIGURA 5- FOTO DA ESPÉCIE PLANTAGO AUSTRILIS. LAM.	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- RELAÇÃO NACIONAL DE PLANTAS MADICINAIS DE INTERESSE AO SUS.....	27
TABELA 2- UNIDADES DE ANALISE.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS

(DS) – DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVÉL

(RENISUS) - RELAÇÃO NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS DE INTERESSE AO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

(OMS) – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

(SUS) – SISEMA ÚNICO DE SAÚDE

(HO) – HISTÓRIA ORAL

(PANC) – PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS

SUMÁRIO

1. MEMORIAL	14
2. INTRODUÇÃO	17
3. PROBLEMA DE PESQUISA	18
4. OBJETIVOS	20
4.1. OBJETIVO GERAL	20
4.2. OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	20
5. JUSTIFICATIVA.....	21
6. REVISÃO DE LITERATURA	22
7. MATERIAIS E MÉTODOS	30
8. RESULTADOS DA PESQUISA E ANÁLISE.....	35
8.1. CONHECIEMNTO ATRÁVES DA FAMÍLIA.....	36
8.2. ACESSO A SAÚDE.....	38
8.3. CHÁ DE QUEBRA PEDRA.....	40
8.4. CHAPEU DE COURO.....	42
8.5. SABUGUEIRO.....	44
8.6. TANCHAGEM.....	46
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
10. REFERÊNCIA.....	51
11. APÊNDICE	57

1. MEMORIAL

Meu nome é Joelson Ferreira Gomes, filho de Rosa Alves Ferreira Gomes e José Luiz Ferreira Gomes. Aos 5 anos de idade, ganhei meu primeiro instrumento musical, um cavaquinho. Aos 6 anos, iniciei meus estudos na Escola Leocádia Worloski dos Santos, que compartilhava suas salas de 1ª a 4ª série com o Colégio Estadual Sertãozinho, que abrangia da 5ª à 8ª série. Aos 8 anos, comecei a fazer aulas de música com o Maestro Paulo Lopes, mas, devido a dificuldades com os métodos, acabei interrompendo. Após 2 anos, ganhei de meu irmão um método para cavaquinho e comecei a adquirir métodos para outros instrumentos musicais, iniciando meus estudos autodidatas aos 10 anos.

O Colégio Estadual Sertãozinho solicitou as salas da Escola Municipal para incluir o Ensino Médio, e então passei a estudar na Escola Municipal Thadeu de Mello e Silva, onde permaneci por 1 ano. Aos 11 anos, retornei ao Colégio Estadual Sertãozinho para cursar da 5ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Aos 14 anos, voltei a fazer aulas de música com o Maestro Lopes, dedicando-me aos estudos musicais por 5 anos. Aos 17 anos, conclui o ensino médio no Colégio Estadual Sertãozinho. Aos 19 anos, iniciei meu primeiro curso superior, Licenciatura em Ciências, na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, no ano de 2012. Neste primeiro período, tivemos o módulo sobre o reconhecimento do litoral.

Neste momento, comecei a estudar mais sobre a minha cidade e descobri que minha família tinha uma grande história a ser contada sobre o desenvolvimento da cidade. As terras do bairro Sertãozinho, atualmente conhecido como bairro Bom Retiro, pertenciam a meus familiares. Inclusive, a região onde estava localizado o colégio em que estudei era uma propriedade de Manoel Ferreira Gomes irmão de meu bisavô Bento Ferreira Gomes que mais tarde foram doadas para prefeitura da cidade. Esta informação foi transmitida por meu avô Juvenal Ferreira Gomes, nascido em 16 de abril de 1922, filho de Bento Ferreira Gomes e Vicenta Ferreira Gomes.

Seu pai era português e veio para o Brasil ainda criança. Juvenal teve treze irmãos. Quando seu pai, Bento Ferreira Gomes, faleceu, Juvenal tinha 12 anos. Com essa idade, ele foi para Paranaguá trabalhar como cortador de lenha para a Companhia Rocha. Além disso, trabalhou por 27 anos como funcionário público municipal, sendo 5 anos na Prefeitura de Matinhos, durante o mandato do primeiro prefeito, Lépica. Posteriormente, foi transferido para a Prefeitura de Paranaguá e, por fim, trabalhou na Prefeitura de Praia de Leste, onde se aposentou. Juvenal relata que trabalhou utilizando sambaquis para fazer aterros de estradas. Em determinado dia, foram encontrados dois esqueletos no sambaqui, que foram levados para o Museu de Paranaguá. Esses sambaquis estavam localizados onde hoje se situa o depósito de materiais de construção Praiana, no Morro dos Ferreira.

Minha avó materna, Rosália Polinário de Crisantos, nasceu em 25 de janeiro de 1934, filha de Joaquim Cordeiro Crisantos e Palmena Polinário de Santana. Ela era casada com Luiz Alcides Alves e mãe de nove filhos. Rosália era descendente dos indígenas carijós que habitavam o litoral do Paraná. Concluí o Curso de Licenciatura em Ciências, que foi muito importante, pois a Universidade me proporcionou diversas experiências que contribuíram significativamente para a minha trajetória. As várias viagens a museus e os locais de ensino reconstruíram meu modo de pensar.

Em 2017, iniciei uma nova etapa, o curso de Técnico em Administração pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR), que durou mais 2 anos e foi um período de grande aprendizado. Durante esse tempo, trabalhei em uma imobiliária em Matinhos, onde permaneci por 5 anos. Decidi então sair daquele emprego para tentar algo novo e melhorar minha rotina. Foi nesse período que comecei a trabalhar com música, realizando pequenos shows em lanchonetes e barzinhos.

Em 2022, consegui ingressar novamente na academia, iniciando o Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Comecei meus estudos com um projeto de etnobotânica de plantas medicinais. O interesse por esse tema surgiu devido à minha criação, na qual desde pequeno tive contato com chás e diversos tratamentos caseiros. Meus avós moravam em sítios, e, desde gerações, a utilização de plantas para tratamentos de enfermidades era um costume familiar. Dessa forma, sempre

tive o interesse em me aprofundar nesse tema e compreender melhor as plantas e suas utilidades.

Atualmente, sou músico multi-instrumentista, com habilidades em 23 naipes, sendo a viola caipira de 10 cordas meu instrumento principal. Busco também o aperfeiçoamento em outras áreas além da música.

2. INTRODUÇÃO

Em seu processo evolutivo, o ser humano interagindo com a natureza buscou formas de se beneficiar perante as suas condições de vida. A interação entre o ser humano e plantas é fortemente evidenciada, uma vez que são diversos os usos dos recursos vegetais, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais (GIRALDI; HANAZAKI, 2010). O conhecimento local sobre recursos naturais (ou conhecimento tradicional ecológico, segundo Berkes, 1999) é um recurso cultural importante que orienta e sustenta a manutenção e continuidade de sistemas de manejo de recursos naturais.

A etnobotânica compreende o estudo das sociedades e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com plantas, abrangendo aspectos da diversidade biológica e cultural, contribuindo significativamente para o conhecimento de várias espécies de plantas medicinais (OLIVEIRA, 2007; ALVES e POVH, 2013). Estudos etnobotânicos possibilitam integrar o conhecimento empírico ao acadêmico, desempenhando papel importante no resgate e valorização da cultura local (MELO LACERDA e HANAZAKI, 2008; VASQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014) subsidiando trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade através da valorização e do aproveitamento deste conhecimento empírico que emana das relações conservação das espécies pelo ser humano. Incentivando a geração de conhecimento científico-tecnológico voltado para o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL e PEIXOTO, 2004, VÁSQUEZ, MEDONÇA e NODA, 2014. Abordando desta forma investigar o conhecimento adquirido pela população da cidade de Matinhos onde pesquisaremos por duas famílias que originam de povos da região e possuem conhecimento sobre plantas com fins medicinais.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

A cidade de Matinhos possui um bioma importante, com diversos atributos naturais. Nesse contexto, é importante destacar que, com o processo de globalização, surgem novas instituições com atividades portuárias, comerciais e imobiliárias, que apresentam um impacto significativo na região. Podemos observar na figura 1. A localização geográfica da área a ser estudada.

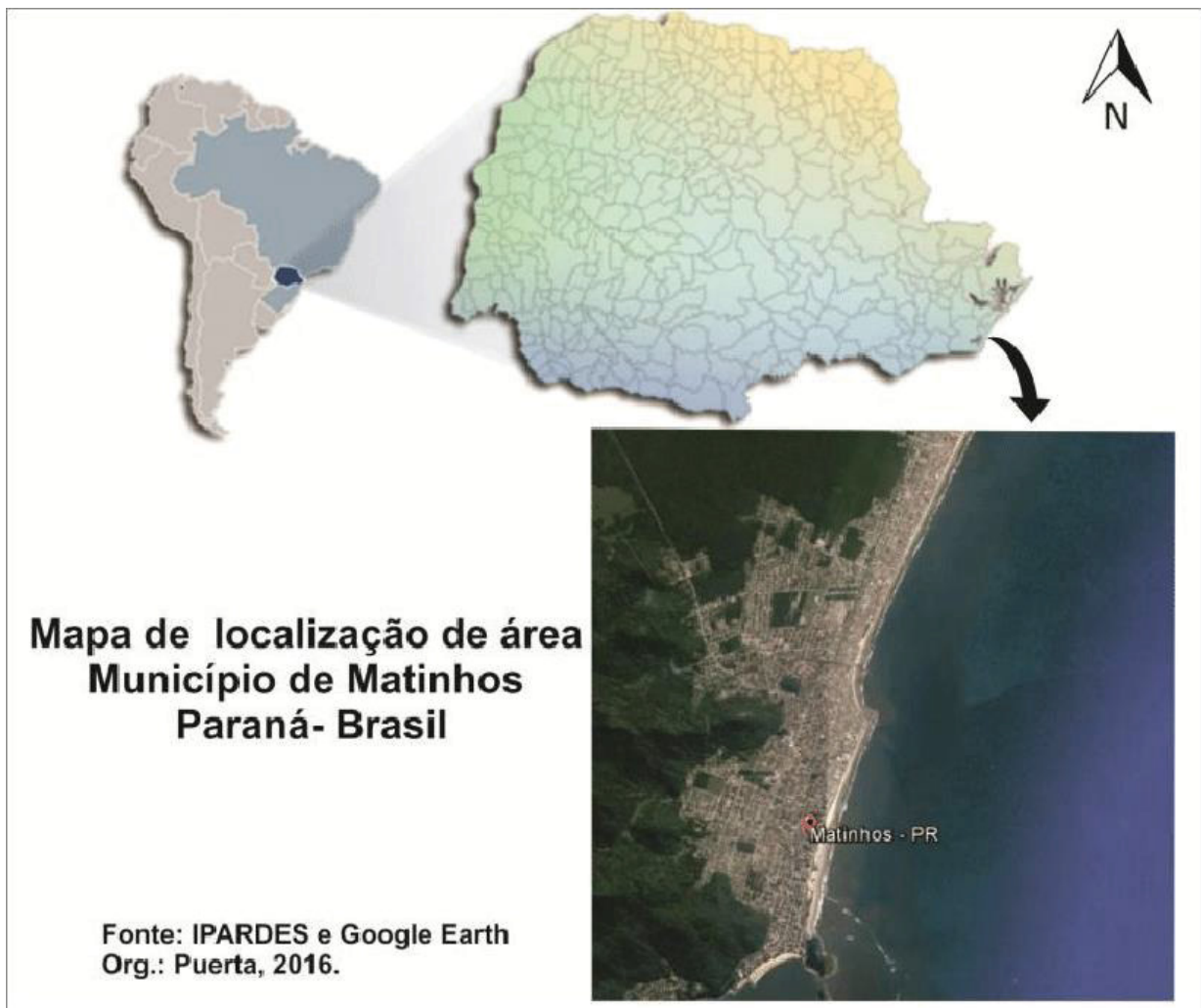


Figura.1

A manutenção do conhecimento sobre as espécies nativas possui um valor cultural significativo para os moradores das zonas rurais, principalmente. Matinhos é um município que apresenta uma grande biodiversidade de flora oriunda da Serra do

Mar. Nesse contexto, a etnobotânica atua como uma ferramenta que busca compreender a relação entre as plantas e as sociedades humanas, contribuindo assim para a ampliação do conhecimento científico sobre as relações socioambientais.

A Etnobotânica é a ciência que analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre o usos de plantas medicinais (MARTINSET.AL, 2005).

Com a intencionalidade de desvelarmos nosso objeto de estudo, construímos algumas questões norteadoras que subsidiarão nossa investigação; se possuem: Conhecimento com plantas medicinais? Utilizam para fins terapêuticos? Como adquiriram o conhecimento?

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Estudar as interações dinâmicas entre as plantas e o ser humano na ótica de duas famílias matinhenses buscando a compreensão dos usos e aplicações.

4.2 Objetivos específicos

- Investigar o conhecimento que as duas famílias matinhenses possuem sobre a biodiversidade local.
- Registrar o conhecimento que as duas famílias matinhenses possuem sobre plantas que são utilizadas para fins medicinais correlacionando a lista do RENISUS.
- Analisar concepções de territorialidade e desenvolvimento sustentável (DS) das duas famílias matinhenses.

5. JUSTIFICATIVA

O estudo analisa a dimensão social na produção do espaço sob a ótica do desenvolvimento histórico local. Sabemos que é fundamental compreender a forma como ocorrem às relações do ser humano com a natureza no contexto da sociedade capitalista atual, visto que estas relações se reproduzem nas escalas locais (SANTOS 1999). Nesse sentido, entende-se que a organização econômica e social, relacionada ao pensamento filosófico, científico e cultural dominante em cada época, é fator fundamental para se compreender como ocorre essa relação com a natureza (WALDMAN, 1998, p. 18).

Nesse cenário de desafios e alternativas para a sustentabilidade social (necessidades humanas) e sustentabilidade ambiental (limites do meio ambiente) no desenvolvimento regional, é imprescindível investir no conhecimento da realidade em seus diversos aspectos. É fundamental considerar as contradições, interesses, correlações de forças e jogos de poder que compõem essa territorialidade e seus diferentes atores sociais.

Somos sujeitos nesse processo também. Assim, nossa contribuição está ancorada na defesa da sustentabilidade, no que se refere ao uso da energia, da água, dos materiais renováveis e não renováveis, à poluição do ar e à proteção e conservação das belezas naturais. A proposta de desenvolvimento sustentável requer consciência, corresponsabilidade, cooperação, solidariedade e, principalmente, compromisso com as gerações futuras.

Assim, por meio deste estudo a ser desenvolvido, ve-se uma oportunidade de revelar aspectos culturais de famílias colonizadoras da cidade, realizando uma abordagem que coleta o saber popular sobre o uso de plantas medicinais, suas identificações com o território e como compreendem o desenvolvimento sustentável (DS).

6. REVISÃO DE LITERATURA

Bigarela (2009) relata que no século XIX a ocupação deste território se deu através da oferta de terras para a colonização. Imigrantes ocuparam as colônias entre Paranaguá e a Serra da Prata. Logo, num contexto histórico cabe ressaltar que estamos falando de processos complexos e envolve assentamentos humanos instalados num substrato natural, A Mata Atlântica.

A Mata Atlântica é considerada como um dos biomas mais importantes do planeta em relação à diversidade biológica e ao endemismo de espécies (GENTRY,1992; MORELLATO E HADAD,2009).

A associação das características das populações tradicionais, principalmente no que se refere à utilização dos recursos naturais e ao processo oral de transmissão, são partes constituintes do conhecimento destas populações, que, segundo Arruda e Diegues (2001), é composto pelo “ conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo e sobrenatural,transmitido oralmente, de geração em geração” SCHMIDT(2001,p-73).

Pode-se, assim, associar os saberes culturais a expressões como saberes do cotidiano, saberes da experiência, saberes sociais – gestados no cotidiano de vida e de trabalho [...] Como todo o agir humano, esses saberes dependem de uma ordem cultural local posto que diferem de sociedade para sociedade, de uma geração à outra, bem como diferem em suas regras de ação e seus modos de proceder, razão pela qual são históricos e sujeitos à mudança. (Albuquerque, 2015, p. 655)

Estes saberes, então, para Albuquerque (2015, p. 659) apresentam sistemáticas, conforme às lógicas dos sujeitos e grupos que os constroem, a partir de determinado contexto cultural e “tal como o científico, é dotado de sistematização, regras, organização e complexidade”.

Brasil (2006a) discorre sobre o descobrimento e a validação das propriedades medicinais através da análise do conhecimento empírico e científico, onde a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda aos órgãos de saúde pública de cada país que procedam ao levantamento das plantas usadas na medicina tradicional no âmbito regional identifique-as botanicamente e estimule seu uso.

Entre 1988 e 2016, houve um significativo volume de pesquisas sobre produtos naturais, com muitas delas centradas no estudo de plantas medicinais (Ribeiro *et al.*, 2018).

Historicamente, o uso das plantas para o tratamento de doenças é tão antigo quanto a própria humanidade. O homem sempre procurou buscar na natureza recursos necessários para melhorar suas próprias condições de vida, um exemplo, a saúde. Utilizou as plantas como alimento e incorporou a isso a busca de elementos para a confecção de roupas, ferramentas, combustível para o fogo arma de caça, etc., aumentando, assim, a sua chance de sobrevivência (HARAGUCHI e CARVALHO, 2010).

Segundo Pochmann (2004), ao entender o desenvolvimento como um processo social localizado capaz de conjugar crescimento econômico e melhoria das condições de vida da população, a compreensão regionalista entende que as políticas sociais são fundamentais tanto para auxiliar na criação das condições para o crescimento econômico quanto para efetivar mecanismos que possibilitem ampliar gradativamente a qualidade de vida da população.

Assim, consideramos o desenvolvimento local como uma perspectiva adicional dentro do escopo das possibilidades abordadas pela etnobotânica. O desenvolvimento local é o processo de dinamização da sociedade para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos envolvidos no modo de vida da comunidade, promovendo a emergência de novas formas de produção e compartilhamento de conhecimento. Dessa forma, o desenvolvimento local é um processo de transformação social, cultural, econômica e política, no qual os principais beneficiários são os próprios membros da comunidade.

Para abordarmos o desenvolvimento regional na perspectiva de sua sustentabilidade são importantes termos presente o conceito de desenvolvimento enquanto um processo “*determinado na sua organização espacial e socioeconômica*” e *condicionado aos “contextos históricos, culturais e sócio-políticos*” (RAUD, 2000, p.154-155).

O conceito de desenvolvimento local, ao abordar a organização espacial, sustenta a análise na dimensão regional, compreendendo a região como a junção

de municípios em um determinado âmbito territorial, com uma formação econômica, cultural, geográfica e social específica. Por outro lado, o desenvolvimento sustentável pode ser definido como: "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de que as gerações futuras atendam às suas próprias necessidades". Este conceito contém dois princípios-chave:

O conceito de 'necessidade', sobretudo as necessidades essenciais dos pobres ("...); a noção das 'limitações' que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras" (Comissão Mundial sobre Meio ambiente e Desenvolvimento, 1988, p.46).

Por outro lado, o relacionamento do ser humano com as plantas, numa perspectiva etnobotânica, é relatado desde a antiguidade até os tempos atuais, com inúmeras destinações e funções ambientais dos vegetais no cotidiano humano: alimentação, produção de remédios combustíveis, aromatização, ornamentação, confecção de artesanatos, dentre outros (CASSAS ET al., 2016).

No seu início, a etnobotânica tinha um caráter mais restrito, estudando as inter-relações entre os vegetais com as sociedades ditas "primitivas". Com o passar do tempo essa limitação foi sendo superada e sua investigação expandiu-se, fazendo parte a gorado seu campo de estudo, não somente as sociedades indígenas, mas também associedades industriais e suas relações estabelecidas com a flora (ALBUQUERQUE, 2005).

Entre as florestas tropicais com excepcional diversidade biológica, está a Mata Atlântica, especialmente importante devido ao grande número de espécies endêmicas que abriga (GENTRY, 1992) e à alta concentração de grupamentos humanos (OLIVEIRA-FILHO & FONTES, 2000).

Do ponto de vista metodológico, desta abordagem para estudar as interações dinâmicas entre as plantas e o homem, buscando a compreensão dos usos e aplicações tradicionais dos vegetais pelas pessoas em Matinhos. Sendo uma ciência interdisciplinar, ligada à botânica e à antropologia, englobam conhecimentos farmacológicos, médicos, tecnológicos, ecológicos e linguísticos (AMOROZO, 1996).

A conservação da biodiversidade exige ainda associar à ação a elaboração de novos conhecimentos. Resulta que as atividades de pesquisa transgridam o

marco acadêmico interdisciplinar para integrar agentes sociais portadores de outras formas de conhecimento ou saberes (ver, por exemplo, Bursztyn,2006), portanto indispensáveis à gestão da biodiversidade. Garay nos alerta para o fato de a integração dos agentes com suas demandas específicas e suas próprias expectativas, e as exigências do desenvolvimento, evidenciam a necessidade de se repensarem tanto as relações de parceria científica como os eventuais modelos de conservação (GARAY,2006)

Segundo Diegues (2000), os atuais modelos utilizados para a conservação de áreas protegidas, na maioria dos exemplos encontrados são cópias de países temperados, onde a sua realidade das sua biodiversidade sociocultural, onde as nossas comunidades tem uma relação diferente com o meio ambiente, tem se demonstrado ineficientes nos seus objetivos da conservação do território. Isto nos coloca a questão que eles foram importados onde o modo de vida das comunidades existentes naquelas regiões é bem diferente dos encontrados aqui.

Dessa forma, surgem inúmeros conflitos ambientais e embates com as comunidades que habitam essa região há muitos anos. Essas comunidades são frequentemente obrigadas a abandonar seus locais de origem, resultando na perda de conhecimentos que são transmitidos oralmente de geração para geração.

Diegues (1996) coloca que para ele os conflitos gerados pela importação (cópia) de modelos de conservação inadequados para os países da região, também foram percebidos e estudados na América Latina. A questão de áreas como parques nacionais e outras áreas de conservação, que mostraram a necessidade de adaptações para os países do sul, contemplando as especificidades culturais e ambientais de cada sociedade.

As populações caiçaras que habitam o litoral dos estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro têm origem na miscigenação entre o colonizador português, o índio e o negro, ocorrida a partir das primeiras décadas da colonização. Os contextos históricos e geográficos de ocupação do litoral, com seus diversos ciclos econômicos, são fundamentais para compreender sua formação (ADAMS, 2000).

Como ressalta Diegues (1996), muitas das consequências da degradação ambiental ser global, atingindo toda a biosfera, os processos geradores desses desequilíbrios têm origem no interior de diversas sociedades, nas formas como elas as constroem, representam e manipulam a natureza. Desta forma, é

fundamental buscar soluções para estes problemas na relação dessas diferentes culturas e sociedades com o meio ambiente.

O Brasil tem uma ampla diversidade étnica e cultural, com um ótimo conhecimento tradicional referente ao uso de plantas medicinais usadas na cura ou prevenção de doenças, e tem recebido atenção dos órgãos não governamentais e dos órgãos oficiais de saúde. O uso de plantas medicinais e fitoterápicas, curativo, paliativo ou para fins de diagnóstico, passou a ser oficialmente reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1978, durante a conferência em Alma-Ata (antiga URSS) (HARAGUCHI & CARVALHO, 2010).

Pesquisas apontam que a maioria da população brasileira faz o uso de chás de plantas medicinais, sendo que 46% faz o uso frequentemente, principalmente a população de áreas rurais, muitos ainda dizem não se importar com a dosagem e a grande maioria afirma que o chá tem o efeito positivo e poucos têm em mente que nem tudo que é natural é bom e não deve ser tomado incorretamente (TOMAZZONI et al., 2006).

São 71 espécies de plantas de interesse do SUS com potencial que está sendo divulgada pelo Programa Nacional de Plantas medicinais e Fitoterápicas do Ministério da Saúde.

RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS			
Espécies vegetais			
1	<i>Achillea millefolium</i>	37	<i>Lippia sidoides</i>
2	<i>Allium sativum</i>	38	<i>Malva sylvestris</i>
3	<i>Aloe</i> spp* (<i>A. vera</i> ou <i>A. barbadensis</i>)	39	<i>Maytenus</i> spp* (<i>M. aquifolium</i> ou <i>M. ilicifolia</i>)
4	<i>Alpinia</i> spp* (<i>A. zerumbet</i> ou <i>A. speciosa</i>)	40	<i>Mentha pulegium</i>
5	<i>Anacardium occidentale</i>	41	<i>Mentha</i> spp* (<i>M. crispa</i> , <i>M. piperita</i> ou <i>M. villosa</i>)
6	<i>Ananas comosus</i>	42	<i>Mikania</i> spp* (<i>M. glomerata</i> ou <i>M. laevigata</i>)
7	<i>Apuleia ferrea</i> = <i>Caesalpinia ferrea</i> *	43	<i>Momordica charantia</i>
8	<i>Arrabidaea chica</i>	44	<i>Morus</i> sp*
9	<i>Artemisia absinthium</i>	45	<i>Ocimum gratissimum</i>
10	<i>Baccharis trimera</i>	46	<i>Orbignya speciosa</i>
11	<i>Bauhinia</i> spp* (<i>B. affinis</i> , <i>B. forficata</i> ou <i>B. variegata</i>)	47	<i>Passiflora</i> spp* (<i>P. alata</i> , <i>P. edulis</i> ou <i>P. incarnata</i>)
12	<i>Bidens pilosa</i>	48	<i>Persea</i> spp* (<i>P. gratissima</i> ou <i>P. americana</i>)
13	<i>Calendula officinalis</i>	49	<i>Petroselinum sativum</i>
14	<i>Carapa guianensis</i>	50	<i>Phyllanthus</i> spp* (<i>P. amarus</i> , <i>P. niruri</i> , <i>P. tenellus</i> e <i>P. urinaria</i>)
15	<i>Casearia sylvestris</i>	51	<i>Plantago major</i>
16	<i>Chamomilla recutita</i> = <i>Matricaria chamomilla</i> = <i>Matricaria recutita</i>	52	<i>Plectranthus barbatus</i> = <i>Coleus barbatus</i>
17	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	53	<i>Polygonum</i> spp* (<i>P. acre</i> ou <i>P. hydropiperoides</i>)
18	<i>Copaifera</i> spp*	54	<i>Portulaca pilosa</i>
19	<i>Cordia</i> spp* (<i>C. curassavica</i> ou <i>C. verbenacea</i>)*	55	<i>Psidium guajava</i>
20	<i>Costus</i> spp* (<i>C. scaber</i> ou <i>C. spicatus</i>)	56	<i>Punica granatum</i>
21	<i>Croton</i> spp (<i>C. cajucara</i> ou <i>C. zehntneri</i>)	57	<i>Rhamnus purshiana</i>
22	<i>Curcuma longa</i>	58	<i>Ruta graveolens</i>
23	<i>Cynara scolymus</i>	59	<i>Salix alba</i>
24	<i>Dalbergia subcymosa</i>	60	<i>Schinus terebinthifolius</i> = <i>Schinusaroeira</i>

25	<i>Eleutherine plicata</i>	61	<i>Solanum paniculatum</i>
26	<i>Equisetum arvense</i>	62	<i>Solidago microglossa</i>
27	<i>Erythrina mulungu</i>	63	<i>Stryphnodendron adstringens</i> = <i>Stryphnodendron barbatimam</i>
28	<i>Eucalyptus globulus</i>	64	<i>Syzygium</i> spp* (<i>S. jambolanum</i> ou <i>S. cumini</i>)
29	<i>Eugenia uniflora</i> ou <i>Myrtus brasiliiana</i> *	65	<i>Tabebuia avellanedeae</i>
30	<i>Foeniculum vulgare</i>	66	<i>Tagetes minuta</i>
31	<i>Glycine max</i>	67	<i>Trifolium pratense</i>
32	<i>Harpagophytum procumbens</i>	68	<i>Uncaria tomentosa</i>
33	<i>Jatropha gossypifolia</i>	69	<i>Vernonia condensata</i>
34	<i>Justicia pectoralis</i>	70	<i>Vernonia</i> spp* (<i>V. ruficoma</i> ou <i>V. polyanthes</i>)
35	<i>Kalanchoe pinnata</i> = <i>Bryophyllum calycinum</i> *	71	<i>Zingiber officinale</i>
36	<i>Lamium album</i>		

Plantas Medicinais e Fitoterapicos no SUS,Ministerio da Saúde 2009.disponivel em
 URL.[https://WWW.gov.br/saúde/pt-br/composição](https://WWW.gov.br/saúde/pt-br/composição_fitoterapicos) /sectics/daf/pnpmf/plantas-medicinais-e-
 fitoterapicos -no-sus.acesso em 27-09-202

A sociedade humana carrega em seu bojo uma série de informações sobre o ambiente onde vive o que lhe possibilita trocar informações diretamente com o meio, saciando assim suas necessidades de sobrevivência. Neste acervo, encontra-se inserido o conhecimento relativo ao mundo vegetal com o qual estas sociedades estão em contato. Assim, a busca e o uso de planta com propriedades terapêuticas é uma atividade que vem de geração a geração, descritos com o intuito de preservar essa tradição milenar e atestada em vários tratados de fototerapia. (CORREA JUNIOR, 1991).

São vários os fatores que levam os seres humanos a busca pelo uso da planta medicinal pois Devido às propriedades farmacológicas dessas plantas, uma significativa parcela da população (aproximadamente 80%) ainda recorre a chás e infusões como seu principal método de tratamento para uma variedade de doenças, especialmente em áreas rurais e em nações menos desenvolvidas (Šantić *et al.*, 2017).

Desta forma , plantas são usadas como o único recurso terapêutico de uma parcela da população brasileira e de mais de 2/3 da população do planeta. Os principais fatores que influenciam na manutenção desta prática são o baixo nível de vida da população e o alto custo dos medicamentos. Dessa forma, usuários de plantas de todo mundo, mantém em voga a prática do consumo de fitoterápicos, tornando válidas algumas informações terapêuticas que foram acumuladas durante séculos (NEWALL *et al.*, 2002).

Embora a medicina moderna esteja bem desenvolvida, atualmente, um sentimento geral de decepção com a medicina convencional e o desejo de adotar um estilo de vida “natural” tem levado à utilização crescente de outras formas de terapia, inclusive em países desenvolvidos. Dentro deste contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), reiterou o compromisso em estimular o uso da medicina tradicional e medicina complementar para o período 2002-2005. Por sua vez, o Brasil em 2005, através do SUS, propõe a inclusão das plantas medicinais e fitoterapia como opções terapêuticas no sistema público de saúde. Contudo que esses produtos a base de plantas atendam a vivências legislação vigente. (BRASIL, 2006).

7. MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizada como ferramenta para esta investigação a etnobotânica, com o objetivo de coletar o conhecimento que as duas famílias matinhenses possuem sobre plantas medicinais.

Também utilizou-se na pesquisa a metodologia da História Oral (HO), com o intuito de investigar a história das duas famílias, resgatando o uso das plantas medicinais utilizadas por elas e a importância da biodiversidade local. Segundo a perspectiva da História Oral, a reconstrução da memória das duas famílias, com a abordagem das plantas medicinais, permitirá compará-las com a lista do RENISUS de plantas já catalogadas, analisando suas utilizações e funcionalidades na época.

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais (GUEDES-PINTO, 2002, p95).

Vários autores da HO têm destacado a importância da qualidade da relação que se constrói entre o pesquisador e o pesquisado. Segundo Westphal, (2014):

Esta concepção apontada converge com a própria etimologia da palavra “tradição” que vem do latim *traditione* e significa entregar-se, transmitir oralmente, passar algo para outra pessoa, ou repassar valores de uma geração a outra. Isto quer dizer que a tradição enquanto marca histórica de um povo possui movimento e dinâmica própria, não é estática em sua temporalidade e espacialidade, como os sujeitos não são, mas carece de ressignificação para uma nova concepção de ordenamento do tempo e dos lugares (WESTPHAL, 2014).

Quanto ao êxito da entrevista, ele começa antes mesmo de ela acontecer, pois a preparação para realizá-la e o contato inicial, que envolve o compartilhamento da realidade a ser focada entre pesquisador e entrevistado, são fundamentais. Assim, no momento da entrevista, o entrevistado pode refletir sobre sua trajetória de vida e sobre sua prática, podendo se emocionar e, eventualmente, reformular suas ideias ao se deparar com o outro que o indaga e o escuta.

[...] quando alguém concorda em ser entrevistado, tem objetivos concretos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio,

ou seja, conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias ao qual, muitas vezes, o historiador se quer tem acesso (AMADO,1997,p.153).

O estudo teve uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira mais ou menos naturalística e, em sua tradição antropológica, ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns a definem como 'o estudo da cultura'. Cabe aqui salientar algumas de suas denominações:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p.124)

Contou com entrevistas a duas famílias, que foi uma entrevista caracterizada por pautas que classifica-se, segundo Gil (2008), que possui a característica de um certo grau de estruturação, já que o pesquisador "se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do curso"(GIL, 2008, p. 117).O número de entrevistados será de dez considerando a idade mínima de 70 anos por entendermos que já possui uma experiência prática sobre a temática da pesquisa. O número de participantes está fundamentado no grau de saturação que a pesquisapode atingir em função do total de sujeitos no contexto da pesquisa. Também, segundo Flick (2012) considera um contrabalanceamento de fatores que está relacionado ao que se espera dos entrevistados, o tempo para a realização das entrevistas e também o número de vezes que as entrevistas podem se repetir. Os informantes serão selecionados por serem considerados conhecedores de plantas medicinais.

Saturação é um termo criado por Glaser e Strauss (1967) para se referirem a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado.

Dessa forma, quando o instrumento epistemológico determina que as observações deixam de ser necessárias, pois nenhum novo elemento permite ampliar o número de propriedades do objetivo investigado, dizemos que foi atingido o grau de saturação da pesquisa. As entrevistas seguirão o seguinte roteiro de perguntas. Após cada pergunta, apresentamos sua respectiva justificativa.

1 - Qual o nome do participante ?

Será deixado claro para o entrevistado que não será identificado nome na pesquisa. Será usado nome fictício ou numeração

2- Qual a idade ?

A fim de ter uma margem sobre a idade de vida dos entrevistados

3- Natural de que cidade ?

Tendo como base para saber se o conhecimento foi trazido de outra região ou se foi adquirido na própria cidade

4 - Breve relato sobre a sua trajetória de vida ?

Desta forma passamos a entender sobre a construção do conhecimento empírico que o entrevistado veio a possuir.

Desde quanto mora em Matinhos. Caso tenha morado em outros locais, onde?

Assim podemos entender sobre sua trajetória de vida e o acúmulo de conhecimento que está pessoa traz junto de si.

5 - O (a) senhor (a) conhece algum tipo de planta que temos no nosso litoral e mais especificamente em Matinhos que pode ser utilizada para fins medicinais?

Desta forma podemos levantar os tipos de plantas que o nosso litoral são encontradas e que possuem fins medicinais.

6- Quais? E para quais tratamentos?

Assim podemos saber quais os tipos de plantas, separar por nomes e também elencar a sua utilização conforme citadas.

7- Em que região podemos encontrar este tipo de vegetação?

Afim de criar um mapeamento das possibilidades de encontrar a vegetação e separa as de fácil e difícil acesso.

8 - Alguma faz mal ou não funciona para algumas pessoas?

Desta forma elencamos alguma contra-indicação do uso da planta

9- Como funciona o preparo sobre a dosagem destas plantas?

Descobriremos a forma do preparo realizado pelos antigos moradores sobre a planta citada.

10- Vindo de alguém, como esse alguém adquiriu?

Assim poderemos entender sobre a maneira que foi adquirido este conhecimento.

11- Como podemos cultivar essas plantas citadas?

Desta forma entenderemos se conseguimos fazer o cultivo residenciais ou até mesmo em escolas.

12-Desde que idade que utiliza plantas medicinais como uso fitoterápico?

Assim teremos uma margem de idade que o entrevistado faz a utilização das plantas citadas.

Serão realizados testes piloto a fim de averiguar a necessidade de correções no roteiro de entrevistas definitivo. O estudo contará com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo).

Segundo Bauer e Gaskell (2012), um dos primeiros problemas enfrentados por um investigador seria o de decidir qual método utilizar para um problema e como justificar os procedimentos metodológicos de constituição de dados e de análise. Portanto, as entrevistas foram gravadas em formato áudio e após, transcritas automaticamente com programas sendo assim ocorreu a verificação das espécies que já são reconhecidas utilizando análise de conteúdos para análise das respostas

Com as transcrições das entrevistas coletivas e de partes dos encontros presenciais agora iremos para a análise. Para isso, utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo que Bardin (1977, p. 42) define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que

permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para Franco (2008, p.12), a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa bibliográfica junto à Relação Nacional de Plantas Mediciniais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (ReniSUS), sistema criado em 2009 que possui 71 espécies vegetais, com a finalidade de orientar pesquisas e estudos. O objetivo é verificar os registros dessa vegetação comentada, identificando espécies que possam ter sido registradas na região, bem como aquelas que possam estar fora da lista de identificação pelo sistema.

8- RESULTADO DA PESQUISA E ANÁLISE

A coleta de dados foi realizada em um momento específico, que ocorreu após a estruturação e definição das perguntas que norteariam as entrevistas com as duas famílias residentes em Matinhos. Antes da pesquisa, foi feito um levantamento de dados bibliográficos e de projetos que já haviam estudado plantas medicinais na região. Com base nesse levantamento, foi realizada a estruturação de como a pesquisa seria conduzida.

Com relação aos sujeitos da pesquisa, foram escolhidas duas famílias residentes em Matinhos por serem descendentes de pessoas que colonizaram a cidade e, portanto, possuírem um conhecimento histórico local e sobre as plantas da região. Inicialmente, foi determinado um fator de idade para os entrevistados, com uma média de 70 anos. No entanto, devido a falecimentos, a faixa etária foi ajustada para 60 anos, pois essa idade era considerada primordial para obter um levantamento histórico local da cidade e entender como esse conhecimento impactava suas vidas. No total, estavam previstas 13 entrevistas, mas, devido a questões de idade, saúde e falecimentos de alguns entrevistados, a pesquisa foi realizada com apenas 8 participantes.

A pesquisa foi realizada conforme o agendamento combinado com os moradores, no período de 15 de janeiro a 28 de fevereiro de 2024, em suas residências na cidade de Matinhos, localizadas nos bairros Tabuleiro, Sertãozinho e Bom Retiro. As entrevistas foram gravadas e também foram feitas anotações durante o processo, com a autorização dos entrevistados. Posteriormente, as transcrições foram realizadas utilizando o programa online Good Tape.

A Categoria Geral na Análise de Conteúdo foi o Conhecimento sobre Plantas Medicinais. Esta categoria foi definida com base no problema de pesquisa, que destacou as dificuldades das duas famílias em relação ao acesso à saúde. A definição da categoria geral levou em consideração os objetivos da pesquisa e as referências teóricas estudadas. Após a definição da categoria geral, foi realizada uma leitura flutuante e uma busca por termos-chave, resultando na identificação das unidades de análise. Entre as unidades de análise encontradas, as que mais se destacaram foram:

UNIDADES DE ANÁLISE
Conhecimento através da família
Acesso a saúde
Chá de quebra pedra
Chá de chapéu de couro
Chá de sabugueiro
Tanchagem

A seguir são apresetandas as análises destas Unidades de Análise.

8.1. Conhecimento através da família:

A Unidade de Análise que mais se destacou nas entrevistas foi sobre o conhecimento das plantas medicinais através das famílias. Podem verificar conforme a fala do entrevistado Sr. João:

“Porque a minha avó, minha bisavó ensinava a nós, né?” [Sr. João]

Da mesma forma, através a fala da Dona Maria:

“Com a minha mãe. Com a mãe. Minha mãe e minha avó. Passando de geração em geração”. [D. Maria]

Também o Sr. Miguel comentou sobre esse conhecimento através da família”:

“A minha avó aprendeu com a minha bisavó. Isso vem de família, né? De geração”. [Sr. Miguel]

Assim, essas falas demonstram que os conhecimentos passados através da família estão de acordo com Correia Júnior (1991), que afirma que a busca e o uso de plantas com propriedades terapêuticas é uma atividade transmitida de geração em geração, com o intuito de preservar essa tradição milenar, atestada em vários tratados de fitoterapia.

Dessa forma, a História Oral apresentou-se como uma possibilidade profícua para a realização desta pesquisa, uma vez que o objetivo do estudo foi investigar as diferentes espécies utilizadas por duas famílias para fins medicinais e a reconstrução da oralidade das histórias contadas sobre a transmissão do conhecimento. Além disso, foi relatado o preparo do chá e sua utilização para fins medicinais.

Também esta de acordo como o conhecimento etnobotânico é construída através da convivência entre populações humanas e espécies vegetais e transmitido culturalmente, seja entre gerações ou dentro de uma mesma geração entre pessoas ou grupos distintos a migração de pessoas para diferentes localidades leva a convivência com novos ambientes, e conseqüentemente, com novos ecossistemas e seus elementos (GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N 2011).

O conhecimento transmitido desta forma é sem duvida uma troca de saberes e ensinamentos que também nos faz refletir sobre a sobrevivência dos nossos antepassados em meio a tantas mudanças e tecnologias que vivenciamos no mundo atual. Isso está de acordo com que diz Albuquerque (2015) já que o conhecimento apresenta sistêmicas, que estão de acordo coma lógicas dos sujeitos de determinado contexto cultural.

Importante também é salientar como estas famílias consideram o cuidado relacionado às plantas medicinais. Conforme, Sr. João:

“ Já não é tão, não tem mais como antigamente, mas ainda tem, ainda acha, né? Porém ainda acha e, já é uma árvore mais extinção, né? Aham. Quem não sabe o que é remédio, corta fora, né? Quem sabe cuida. Aham. Quem não sabe mais o que é remédio, corta fora, né? Corta fora. E vai acabando, né?” [Sr.joão]

Também de acordo com a Sr^a. Francisca:

“Tem as plantas as plantas de cultivo também, né? Que usavam Qual que eram? Pitangueira Goiabeira Guaraçá.” [Senhora Francisca]

As duas famílias relatam que mantinham uma relação bem interessante com as plantas, cultivando algumas espécies, que variavam em facilidade e dificuldade de cultivo. Elas sempre mantinham mudas próximas para atender às necessidades da época. Esse ensinamento era transmitido de geração em geração, e o cuidado era essencial, pois algumas espécies eram de difícil acesso devido à escassez na região, exigindo um cuidado especial. Isso está de acordo com Guedes (2011, p. 58), que afirma: 'Essa habilidade é resultante do acúmulo de hábitos de vida transmitidos e absorvidos pelas gerações, sendo, portanto, uma forma peculiar de apreensão e apropriação da natureza.

8.2. Acesso à Saúde:

A segunda Unidade de Análise que mais se destacou nas entrevistas foi o acesso à saúde, conforme os relatos das duas famílias sobre as dificuldades encontradas durante os anos de 1934 a 1956 na cidade de Matinhos. Naquela época, o acesso para buscar ajuda médica fora da cidade era feito por carros de boi e pela praia. A cidade não contava com médicos, e os habitantes recorriam aos conhecimentos dos mais antigos moradores para utilizar plantas e ervas no tratamento das enfermidades enfrentadas. Como pode ser verificado na fala do entrevistado Sr. Victor:

“O maior trânsito do povo era pela praia, porque não tinha estrada, né?” [Sr. Victor]

Da mesma forma na fala da Dona Isabel:

“tipo assim, quando precisava de saúde mesmo, eram as plantas quando precisava de saúde, tomava um chá né? Chá era o que tinha na época.”[Sr^a Isabel]

Também essa dificuldade foi relatada pelo senhor Francisco:

“Desde que eu nasci que minha mãe me dava chá e dava para nós tomar, né? Aham, banho e essas coisas Dava em chá para nós tomar, né? Contra sarampo, contra essas coisas assim, né? Porque antigamente não tinha médico, então o médico era em chá só.”[Sr. Francisco]

Desta forma esses relatos estão de acordo, pois, desde então, populações de todo o mundo tem usado tradicionalmente, ao longo dos séculos, plantas na busca por alívio, cura de doenças e controle de pragas. (CUNHA, 2004). Também No Brasil, a primeira descrição sobre o uso de plantas como remédio foi feita por Gabriel Soares de Souza, autor do Tratado Descritivo do Brasil, de 1587. Esse tratado descrevia os produtos medicinais utilizados pelos indígenas de “as árvores e ervas da virtude”. Com vinda dos primeiros médicos portugueses ao Brasil, diante da escassez, na colônia, de remédios empregados na Europa, perceberam a importância das plantas utilizadas pelos indígenas como medicamento. (VEIGA, 2002).

Podemos ver que no contexto histórico os indígenas já utilizavam as plantas medicinais como medicamentos, pois na época não havia acesso a saúde e a médicos tendo que utilizar plantas para cura de doenças. O que está de acordo com Šantić et al. (2017), ao mencionar sobre a população que recorre a chás e infusões como método de tratamento para doenças, principalmente em áreas rurais.

Importante salientar que as dificuldades de acesso à saúde faziam com que o conhecimento fosse transmitido, inclusive do manuseio, conforme a fala do Sr. Pedro:

“Tinha médico? Sim. Né? Aham. Era muito difícil? Então o pessoal se agarrava onde tinha. O que tinha, né? Os recursos. Os recursos que tinha. Que eram as ervas”. [Sr. Pedro]

De acordo com a fala do Sr. Joaquim:

“Eu creio que, acho que não vai fazer mal nenhum, não. Uhum. Né? É... E como é que você adquiriu esse conhecimento, assim? É, foi através da vó, né? Que a vó passou pro pai. A gente conversando, a gente vendo sempre mamãe fazendo o chazinho caseiro pra nós, né? Uhum. Com o pai. E depois, é claro, que a gente cresceu também”. [Sr. Joaquim]

Também está presente na fala da Sr^a Carla:

Então só usava mais esse tipo de erva aí. Esmagava a banana e a bananeira, né? Espregava em cima e ele estracava o sangue. Bananeira e água do palmito também. Água do palmito. Também é rápido pra estancar sangue.

A HO, teve seu papel fundamental na hora de entender o conhecimento do manuseio e a forma de preparo das plantas que eram utilizadas pelas duas famílias pois através desses relatos é possível compreender a importância dessa vegetação presente na região conforme Fialho (2020), a história oral é concebida por meio de narrativas de sujeitos sociais sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que de uma forma ou de outra deles tomaram conhecimento. Trata-se de testemunhos de seres vivos que ao serem interpelados discorrem narrativamente o que sabem sobre certos acontecimentos, pessoas, locais, instituições, governanças e sobre tantos outros assuntos.

8.3. Chá de quebra pedra:

Como terceira categoria mais citada pelas duas famílias ficou o **chá de quebra - pedra** (*Phyllanthus niuri*) pertencente à família (*Phyllanthaceae*). Onde de acordo com relatos possui fins medicinais que ajudam em tratamentos dos rins e bexiga conforme a fala do entrevistado Sr. Romildo:

“Quebra-pedra normal, tamanho grande, e tem o quebra-pedra rasteiro que é da pedra, que é o melhor ainda, para pedra no rim, para bexiga.” [Sr. Romildo]

Também pode verificar conforme a fala de Dona Francisca:

“É muito bom pra expelir pedra de rim. Ah. Pra infecção de bexiga. Uhum. O quebra-pedra também é bom. Quebra-pedra também pra infecção.” [Dona Francisca]

Também pode verificar conforme a fala de Dona Dalila:

“E o chá de quebra-pedra é bom para o rim porque ele trabalha melhor” [Dona Dalila].

Também pode verificar conforme a fala do Sr. Marcos:

“Temos também aqui o quebra-pedra. Que já é uma erva mais assim...

Para serra, para muro, para barro. Não é de areia. Não é uma planta nativa de areia. Que é para... Rasteira ou é árvore? É... Rasteira.

Ela praticamente desenvolve até 20 centímetros de altura. No desenvolvimento dela, da terra. Que é para o rim, né? Derivada para rim. ”[Sr. Marcos]

O *Phyllanthus niruri*, popularmente conhecido como “quebra pedra” é um destes recursos naturais, apresenta baixo custo, facilidade de obtenção e baixa incidência de efeitos adversos (Campos, Schor, 1998). É mais utilizado na forma de chá ou infusão. Estudos que avaliam a atividade de extratos de *Phyllanthus niruri* nos rins. Um desses estudos comprova que a utilização da planta promove um relaxamento dos ureteres que, aliado a uma ação analgésica, facilita a descida dos cálculos, geralmente sem dor nem sangramento, aumentando a filtração glomerular e a excreção de ácido úrico (justificando seu uso para pedra nos rins). O extrato de *Phyllanthus niruri* também normaliza os níveis altos de cálcio urinário diminuindo a formação dos cálculos em pacientes, provavelmente por interferir nos primeiros estágios de formação de pedra nos rins.

Desta forma os conhecimentos passados entre gerações pelas duas famílias comprovam os benefícios da utilização da *Phyllanthus niruri* para problemas nos rins, pois pode ser encontrado na Índia, China, África, Ásia e na América. Tem sido utilizado há 2000 anos para tratamento de cálculos renais (Kieley et al., 2008). Apresentam na sua composição substâncias tais como os taninos, terpenos, alcalóides, flavonóides (rutina, quercetina) e lignanas, que conferem ação antiinflamatória, hepatoprotetora e antioxidante (Bagalkotkar et al., 2006) O *P. niruri* ou “quebra pedra” é uma planta nativa do Brasil; faz parte do gênero *Euphorbiaceae*, que inclui 600 espécies (Bagalkotkar et al., 2006).

Estudos conduzidos em animais, por Campos e Schor (1999), demonstraram que o extrato seco de *P. niruri* produziu inibição da incorporação dos cristais de oxalato de cálcio pelas células renais caninas sem demonstrar efeitos tóxicos (Campos; Schor, 1999).

Ação antiespasmódica com relaxamento da musculatura do trato urinário foi demonstrada por Calixto et al. (1984). Esta ação foi demonstrada graças à inibição da vaso constrição pela ação da lignana, um alcalóide presente na planta (Calixto et al., 1984). Também está na lista do Renisus nas espécies catalogadas para uso medicinal.



Figura 2. Foto da espécie *phyllanthus niuri*

Fonte: Joelson Ferreira Gomes, 2024.

8.4. Chapéu de couro:

A quarta categoria de análise mais citada ficou o **chá de chapéu de couro** (*Echinodorus grandiflorus*) e (*Echinodorus macrophyllus*) pertencente à família (*Alismataceae*) o qual possui segundo relatos das famílias um potencial para tratamento de rins, pressão alta e inflamações conforme pode-se verificar na fala do entrevistado Sr. Carlos:

“Tem chapéu de couro, que é daqui também que é vermelho pra caramba, que é bom para o tratamento de colesterol inflamação.” [Sr. Carlos]

Também pode verificar na fala do senhor Gilberto:

“E o chapéu-de-couro é bom para pressão alta também, para controlar a pressão, essas são as plantas que a minha mãe usava e que a gente conhece, né” [Sr. Gilberto].

Também pode verificar na fala do Dona Rute:

“Tem também o chapéu de couro é bom para o rim.” [Dona Rute].

A espécie *Echinodorus grandiflorus* (Cham&Schltdl) Micheli, conhecida popularmente como chapéu-de-couro apresenta diversas indicações etnofarmacológicas atribuídas frequentemente as propriedades: antiartrítica, antiinflamatória, antirreumática, diurética e hipotensora (TIBIRIÇA *et al.*, 2006; PRANDO *et al.*, 2015; GARCIA *et al.*, 2010). Tal espécie nativa brasileira tem sido

comumente. Desta forma podemos confirmar os relatos das famílias sobre a planta popularmente conhecida como chapéu de couro quanto aos uso medicinal utilizado.

Essa espécie nativa brasileira tem sido comumente utilizada na medicina popular como anti-hipertensivo natural devido, principalmente, à sua ação diurética. Além disso, há dados científicos que corroboram essa indicação de uso etnofarmacológico.

As doenças cardiovasculares representam um dos maiores problemas de saúde pública não só nos países desenvolvidos, mas também nos países em desenvolvimento. Dados do Ministério da Saúde mostram que no Brasil, cerca de 30% dos óbitos estão relacionados às doenças cardiovasculares (BRASIL, 2011f).

Echinodorus grandiflorus. Apesar dos registros de utilização popular da espécie para algumas enfermidades e a existência de dados referentes ao potencial farmacológico da planta medicinal na literatura, a mesma ainda não consta em nenhuma lista potencial de plantas medicinais no país, sendo necessária uma validação científica para assegurar o potencial terapêutico e eficácia da espécie. (MARQUES, PG 17, 2016)

O chapéu-de-couro é uma planta com aplicação na medicina popular em diversas regiões do país, sendo utilizadas para ampla variedade de enfermidades, principalmente para fins como: Anti-inflamatória, laxativa, adstringente, antirreumática, eliminadora do ácido úrico e ação depuradora (CORREA, 1984 e SILVA-Jr. *et al.*, 1994).

Este conhecimento sobre o uso da planta medicinal era transmitido de gerações em gerações geralmente na hora de falar sobre o preparo da erva medicinal como retrata na fala da Sr^a Ântonia:

“Chapéu de couro, pata de vaca a gente tem que ferver, a gente pega uma quantidade e cozinha ela. Cozinha e daí? Cozinha, daí deixa esfriar e toma. E toma. Alguma dá banho assim ou?”

Não, nenhuma delas dá para dar banho, porque não que a gente saiba. São chás, não cabe. São chás, aham. Para tomar mesmo. Aham. E a quantidade assim de dosagem assim, você pode tomar?”

Não, você pode tomar de dois a três copos por dia. E assim não tem problema nenhum”.[Sr^a Ântonia].

Da mesma forma este manuseio esta de acordo com a HO pois entre através desta metodologia tivemos a possibilidade de incluir a produção deste conhecimento através dos relatos das duas famílias conforme Queiroz (1988, p. 20) destaca que “a história de vida se define como o relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.



Figura: 3. Foto da espécie *Echinodorus grandiflorus*

Fonte: Joelson Ferreira Gomes, 2024.

8.5. Sabugueiro

Na quinta categoria mais citada ficou o **chá de Sabugueiro** (*Sambucus nigra* L.) espécie arbustiva pertencente à família (*Adoxáceas*) o qual possui segundo relatos das famílias possui um potencial fitoterápico para febre, gripe e machucaduras podendo ser utilizado como chá ou em banhos conforme a fala do entrevistado Senhor Vando:

“Tem um remédio É... Sabugueiro, né? E, para que serve o sabugueiro? Para febre.” [Sr. Vando]

Também pode verificar na fala do entrevistado senhor Danilo:

“Sabugueiro. Arruma arca caída e sarampo. Tomar o banho com 8 dias, já de sarampo começa a tomar o banho para secar.” [Sr. Danilo]

Também pode verificar na fala da entrevistada dona Bertina:

“Gripe também quando resfriado ficava muito o problema de respiração era feito suador, né? Chá quente e banho quente aí usava o sabugueiro e folha de laranja aí eu tomava o banho e os calda pé tomava um chá, suave”. [Dona Bertina]

O sabugueiro é uma espécie arbórea ou arbustiva de 3 a 4 m de altura, muito ramificada, a qual se encontra distribuída em várias regiões do Brasil, sendo freqüentemente cultivada como ornamental e também empregada para fins medicinais, de acordo com a medicina tradicional (HINOSHITA; GOLDENBERG, 2017)

O potencial anti-inflamatório do sabugueiro foi confirmado ainda em estudo *in vivo*, em que o extrato hidroetanólico e aquoso das flores da *S.australis* apresentaram taxa de inibição de 86 e 81% respectivamente, semelhante ao padrão indometacina (83%),no teste de inibição da formação do edema de pata de rato induzido por carragenina (SCOPEL, 2005).

Também alguns desses estudos se mostraram importantes, pois foram identificados os componentes ativos responsáveis pelas atividades farmacológicas apresentadas, sendo apontados alguns terpenos como os responsáveis por estas atividades, na qual o ácido ursólico e seus derivados exibiram atividade antibacteriana contra bactérias como *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Pseudomonas aeruginosae*, *Klebsiellapne umoniae* (NASCIMENTO ET al. 2014) e os ácidos oleanólico e ursólico, cada um, foram responsáveis pelo efeito antiobesidade e hipoglicêmico em diferentes estudos.

Esta espécie de planta não está catalogada pela lista de medicamentos fitoterápicos disponível pelo RENISUS.



Figura:4. Foto da espécie *Sambucus nigra L.*

Fonte: Joelson Ferreira Gomes, 2024.

De acordo com Moura 2016 a questão territorial está intrinsecamente ligada ao uso de biodiversidade por comunidades tradicionais, pois o manejo de espécies e ecossistemas se dá justamente sobre o espaço apropriado e socialmente construído pela comunidade (território). Em relação as práticas de manejo da biodiversidade, por sua vez, estão diretamente ligadas ao processo de territorialização, de construção da territorialidade e da constituição do território tradicional de uma comunidade que se relaciona com aquele ambiente.

8.6. Tanchagem:

Última e sexta categoria mais citada está o **Tanchaz** (*Plantago australis Lam.*) da família (*Plantaginaceae*) o qual possui segundo relatos das famílias potencial medicinal para febre, diarreia, infecções conforme relato da entrevistada dona Carla:

“Tanchaz, você acha em qualquer lugar de beira de rua, quintal, que é para febre, para diarreia.” [Dona Carla]

Também pode verificar na fala da entrevistada Dona Vanda:

“Conheço a Tanchaz, que serve para bexiga, para garganta, serve para infecção, qualquer tipo de infecção.” [Dona Vanda]

Também pode verificar na fala do entrevistado Senhor Miguel:

“E conhecemos também a... Tanchais. Que é uma cura antibiótica. Também derivada da raiz, né? Ou a semente seca. Semente seca. Isso. A semente dele seca, a gente tira e faz uma geléia dela. Para uma cura... Antiframatória.” [Sr. Miguel]

Originária do continente europeu e introduzida nos demais continentes do mundo, a espécie *Plantago major* L., pertencente à família Plantaginaceae, é popularmente conhecida como tansagem, tanchagem, transagem ou plantagem (LORENZI, 2000; MATTOS, 1996). Esta planta tem aproximadamente 15 cm de altura, com folhas ovaladas e/ou elípticas, com margens glabras ou pilosas, dispostas em rosetas. A literatura relata o uso de *P. major* L. para aplicações antiviral, antiparasitária, diurética, hematopoiética e hematoprotetora. Também Tradicionalmente empregada com usos medicinais, as folhas da tansagem possuem propriedades antibacterianas (HOLETZ et al., 2002) e são utilizadas para o tratamento de doenças cutâneas, infecciosas, digestivas e respiratórias, no combate a tumores, no alívio da dor e redução de febre se como adstringente, purgativa e cicatrizante (SAMUELSEN, 2000).

Pesquisas sobre as ações farmacológicas do *P. major*, verificou-se que a tanchagem possuía constituintes biologicamente ativos relacionados com o uso de seu extrato a várias atividades, tais como: antioxidante, imunoestimulante, antiulcerogênica, cicatrizante, analgésica, antiinflamatória e antibiótica (SAMUELSEN, 2000). Quanto a sua ação antibiótica, foi demonstrada ação antimicótica do seu extrato contra *Candidaalbicans* (HOLETZ et al., 2002) e antiviral, contra o herpesvírus humano tipo 1 e 2, relacionada ao ácido caféico, componente fenólico isolado e purificado a partir do seu extrato (CHIANG, 2002). Onde também se encontra na lista de espécies do Rénisus.



Figura: 5. Foto da espécie *Plantago australis* Lam.

Fonte: Joelson Ferreira Gomes, 2024.

Dessa forma, de acordo com Moura (2016), as práticas de consumo, a utilização das plantas e outras formas de manejo da biodiversidade têm uma relação direta com saberes locais. O modo de vida tradicional de uma comunidade é fortemente marcado pelo uso comum da biodiversidade e de outros recursos disponíveis no meio em que a comunidade está inserida.

Pode-se notar que a pesquisa aborda a importância da vegetação local, a qual possui um potencial medicinal significativo. É fundamental ressaltar que nossa alimentação deve proporcionar benefícios à saúde. Para isso, é necessário manter um cuidado especial na preservação das espécies, pois, com a expansão urbana, muitas vezes as espécies que habitam nosso meio não são observadas nem valorizadas. Durante a pesquisa, não foram encontradas plantas alimentícias não convencionais (PANC), que servem como alimentos. Todas as espécies identificadas são utilizadas exclusivamente na forma de chás, em contextos fitoterápicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas famílias pesquisadas possuem um conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais, apresentando uma organização social e um convívio harmônico com a biodiversidade local. Desta forma, foi realizado um levantamento utilizando-se metodologicamente a História Oral (HO), o que possibilitou compreender que o conhecimento dessas duas famílias havia sido transmitido através de gerações. Muitos relataram que aprenderam a utilizar as plantas medicinais com avós, pais, mães e outros familiares, por meio da transmissão oral e do acompanhamento do preparo dessas ervas.

Ficou claro que o conhecimento começa a ser compartilhado quando surgem as enfermidades. Com duas famílias tradicionais, foi realizada uma coleta de dados através de relatos sobre o tipo de vegetação utilizada para fins medicinais, com a finalidade de comparar as espécies conhecidas e desconhecidas pelo RENISUS. As espécies mais citadas foram: *Quebra-pedra*, *Chapéu-de-couro*, *Sabugueiro* e *Tanchagem*. No entanto, as espécies *Sabugueiro* (*Sambucus nigra* L.) e *Chapéu-de-couro* (*Echinodorus grandiflorus*) não estão catalogadas no RENISUS. Isso reflete um conhecimento cultural que, além de tradicional, também surgiu por necessidade, dada a dificuldade de acesso à saúde.

As plantas medicinais têm sido utilizadas há milênios por diversas culturas para tratar uma ampla gama de doenças e condições de saúde. No entanto, o aumento da demanda global por produtos naturais e a exploração indiscriminada dessas plantas levanta preocupações sobre sua sustentabilidade e conservação. As plantas desempenham um papel crucial na promoção da saúde e no tratamento de doenças em muitas partes do mundo. Entretanto, o uso excessivo e a degradação dos habitats naturais das plantas medicinais representam sérios desafios para sua sustentabilidade a longo prazo.

A coleta não regulamentada, o desmatamento e a urbanização são fatores que contribuem para o declínio de muitas espécies, colocando em risco não apenas a sua sobrevivência, mas também a saúde dos ecossistemas onde vivem. Portanto, é essencial promover a conscientização sobre a preservação das espécies citadas e

o resgate cultural e dos conhecimentos adquiridos. Relata-se também a questão das dificuldades de acesso à saúde no município, onde os recursos mais rápidos para aliviar as enfermidades eram as plantas medicinais encontradas na região da Mata Atlântica.

O estudo contribui para pesquisas futuras que possam estar relacionadas à preservação do meio ambiente na cidade de Matinhos. Além disso, pode contribuir para trabalhos voltados à área da saúde, explorando a possível utilização de medicamentos fitoterápicos com base em relatos de uso de plantas encontradas na Serra do Mar. Essas plantas podem ser estudadas visando a extração de óleos ou substâncias que poderiam compor a indústria farmacêutica.

Podemos afirmar que a questão territorial está associada ao manejo da biodiversidade, uma vez que as técnicas de manejo são influenciadas pelos conhecimentos locais de uma comunidade, que são moldados pelo estilo de vida e pela interação com o meio ambiente em que estão inseridos. Isso caracteriza a forma de vida de um indivíduo na sociedade, destacando a importância da relação com a natureza na construção da territorialidade.

Dessa forma, também fazemos referência à saúde nas escolas, onde muitos estudantes desconhecem a importância das plantas citadas, como quebra-pedra, chapéu-de-couro, sabugueiro e tanchagem. Essas plantas poderiam ser cultivadas de maneira a estimular os estudos e a pesquisa, além de promover a valorização das espécies locais encontradas no município de Matinhos.

A pesquisa busca contribuir também para trabalhos acadêmicos futuros e pesquisas no meio de medicamentos fitoterápicos que busquem a ter uma maior aprofundamento das espécies trabalhadas ou servindo de apoio para estudos na área da saúde para produção de medicamentos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta Botanica Brasilica*, v. 13, n. 3, p. 307-315, 1999.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. Recife: Bagaço, 2002. 87 p.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, p. 273–285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Interciência*, v. 27, p. 336-345, 2002.

ALBUQUERQUE, M. B. Educação e saberes culturais: apontamentos epistemológicos. In: PACHECO, A. S. et al. *Pesquisas em estudos culturais na Amazônia: cartografias, literaturas e saberes interculturais*. Belém: EditAEDI, 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doenças cardiovasculares causam quase 30% das mortes no país. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2011/09/doencas-cardiovasculares-causam-quase-30-das-mortes-no-pais>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BECKER, B. A. Políticas e planejamento do turismo no Brasil. In: YÁZIGI, E. et al. (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999. p. 181.

BIGARELA, J. J. *Matinhos: Homem e Terra Reminiscências*. Curitiba: Fundação de Curitiba, 2009. 3. ed. ampliada.

CALIXTO, J. B.; YUNES, R. A.; NETO, A. S.; VALLE, R. M.; RAE, G. A. Antiespasmotic effects of alkaloid extracted from *Phyllanthus sellowianus*: a comparative study with papaverine. *Braz J Med Biol Res*, v. 17, p. 313-321, 1984.

CAMPOS, A. H.; SCHOR, N. *Phyllanthus niruri* inhibits calcium oxalate endocytosis by renal tubular cells: Its role in urolithiasis. *Nephron*, v. 81, p. 393-397, 1999.

CORRÊA JUNIOR, C.; LIN, C. M.; SCHEFFER, M. C. Informa. *Acta Botanica Brasilica*, v. 9, n. 23, p. 9, 1991.

CORREIA JUNIOR, C.; MING, L. C.; SCHEFFER, M. C. Plantas medicinais. 2. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1994.

CHIANG, L. C. Antiviral activity of *Plantago major* extracts and related compounds in vitro. *Antiviral Research*, v. 55, p. 53-62, 2002.

FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J. Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do Riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 1, p. 125-134, 2006.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Manual técnico da vegetação brasileira*. Manuais técnicos em Geociências, número 1. Rio de Janeiro, 1992. 92 p.

GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *Acta Botanica Brasilica*, v. 25, n. 1, p. 168–177, 2011.

GARCIA, E. F. Antiedematogenic activity and phytochemical composition of preparations from *Echinodorus grandiflorus* leaves. *Phytomedicine*, v. 18, n. 1, p. 80-86, 2010.

GARAY, I. E. G.; BECKER, B. K. Dimensões Humanas da Biodiversidade. O desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2006.

GUEDES, E. B. Território e territorialidade de pescadores no Marajó: o exemplo das localidades Céu e Cajuúna Soure (PA). In: SILVA, J. M. P.; SILVA, C. N. (Orgs). *Pesca e Territorialidades: contribuições para a análise espacial da atividade pesqueira*. Belém: GAPTA/UFGA, 2011.

GODARD, O. A gestão integrada dos recursos naturais e do meio ambiente: conceitos, instituições e desafios de legitimação. In: VIEIRA, P. F.; WEBER, J. (Orgs.). *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para as ciências ambientais*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 201-266.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAZIA, G.; QUEIROZ, L. L. et al. O desafio da sustentabilidade urbana. Rio de Janeiro: FASE/IBASE, 2001. (Série Cadernos Temáticos, n. 5).

GUARIM Neto, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae. *Acta Botanica Brasilica*, v. 14, n. 3, p. 327-333, 2000.

FIALHO, L. M. F. et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. *Rev. Pemo*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505/3146>. Acesso em: 8 jan. 2020.

HINOSHITA, L. K. R.; GOLDENBERG, R. Adoxaceae. In: *Flora do Brasil 2020 em construção*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4254>. Acesso em: 06 mar. 2017.

HOLETZ, F. B.; PESSINI, G. L.; SANCHES, N. R.; CORTEZ, D. A. G.; NAKAMURA, C. V.; DIAS FILHO, B. P. Screening of some plants used in the Brazilian folk medicine for the treatment of infectious diseases. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 97, n. 7, p. 1027-1031, 2002.

LAWRENCE, G. H. M. *Taxonomia das Plantas Vasculares*, volume I. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1951. 296 p.

LORENZI, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais*. 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2000. 640 p.

LUCENA, C. M. et al. Uso e conhecimento de cactáceas no município de São Mamede (Paraíba, Nordeste do Brasil). *Biofar*, v. especial, p. 121-133, 2012.

LUCENA, R. F. P. et al. Plantas úteis da região semiárida do Nordeste do Brasil: um olhar sobre a sua conservação e uso sustentável. *Environmental Monitoring and Assessment*, v. 125, p. 281–290, 2007.

MATTOS, J. K. A. *Plantas medicinais: aspectos agrônômicos*. Brasília, DF: Gráfica Gutenberg, 1996. 51 p.

MARTINS, G. J. *Ethnobotany: a methods manual*. London: Chapman & Hall, 1995. 268 p.

MENDONÇA, F. A. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, F. A.; KOZEL, S. (Orgs.). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 121.

MORIN, E. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 99-123.

POCHMANN, M. (Org.). *Reestruturação produtiva: perspectivas de desenvolvimento local com inclusão social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

DE MOURA, E. A. *A Corozinha da Ilha do Mel: territorialidade de uma comunidade tradicional de pescadores(as) artesanais na Ponta Oeste, Paranaguá – PR*. Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/user/OneDrive/Documentos/Mestrado%20autera%C3%A7%C3%B5es%202024/EZEQUIEL%20ANTONIO%20DE%20MOURA.pdf>.

PRANDO, T. Ethnopharmacological investigation of the diuretic and hemodynamic properties of native species of the Brazilian biodiversity. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 174, p. 369-378, 2015.

NASCIMENTO, P. G. G.; LEMOS, T. L. G.; BIZERRA, A. M. C. et al. Antibacterial and antioxidant activities of ursolic acid and derivatives. *Molecules*, v. 19, n. 1, p. 1317-1321, 2014.

QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

TIBIRICA, E. et al. Pharmacological mechanisms involved in the vasodilator effects of extracts from *Echinodorus grandiflorus*. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 111, n. 1, p. 50-55, 2007.

RIBEIRO, B. G. Etmobiologia. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). *Suma etnologia brasileira*. 2. ed. Petrópolis: FINEP, 1987. 302 p.

RIBEIRO, V. P. et al. Brazilian medicinal plants with corroborated anti-inflammatory activities: A review. *Pharmaceutical Biology*, v. 56, n. 1, p. 253–268, 2018.

SAMUELSEN, A. B. The traditional uses, chemical constituents and biological activities of *Plantago major* L.: a review. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 71, p. 1-21, 2000.

SANTOS, M. A. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

ŠANTIĆ, Z. et al. The historical use of medicinal plants in traditional and scientific medicine. *Psychiatria Danubina*, v. 29, n. 1, p. 787–792, 2017.

SACHS, W. Meio ambiente. In: SACHS, W. (Ed.). *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SACHS, R. A. *Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins: litoral sul de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2004.

SCHMIDLIN, H. P. Um pouco de história do litoral e da Serra da Prata (PR). 2012. Disponível em: <http://altamontanha.com/Artigo/3466/um-pouco-de-historia-do-litoral-e-da-serra-da-prata-pr>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SCOPEL, M.; MENTZ, L. A.; HENRIQUES, A. T. Comparative Analysis of *Sambucus nigra* and *Sambucus australis* Flowers: Development and Validation of an HPLC Method for Raw Material Quantification and Preliminary Stability Study. *Planta Medica*, v. 76, n. 10, p. 1026-1031, 2010.

VERDEJO, M. E. *Diagnóstico Rural Participativo*. Brasília: MDA-Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.

WESTPHAL, E. Para além do paraíso: uma reinterpretação sociológica do discurso ambiental sobre as identidades de grupos tradicionais e de suas práticas religiosas populares na Ilha do Mel. Curitiba: Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, 2014.

APÊNDICE:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da pesquisa: ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR FAMÍLIAS MORADORAS DE MATINHOS/ PR

Pesquisadores responsáveis: Joelson Ferreira Gomes

Orientador: Dr.Christiano Nogueira

Instituição: Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prezado(a) participante:

- Você está sendo convidado a participar desta entrevista de forma totalmente **voluntária**.

- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.

- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Estudar as interações dinâmicas entre as plantas e o ser humano na ótica de duas famílias matinhenses buscando a compreensão dos usos e aplicações.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder às perguntas em uma entrevista em que ocorrerá a gravação apenas das falas.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

Riscos: A participação na entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. A qualquer momento antes que esta pesquisa seja publicada você poderá solicitar a exclusão das informações obtidas referentes aos seus dados da entrevista.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Matinhos, _____ de junho de 20__.
